

1º GRAU
PROPOSTA CURRICULAR

HISTÓRIA

participe

A black and white illustration of a hand holding a pen, positioned as if about to write. The word 'participe' is written in a cursive script below the hand, underlined. The background of the illustration is a textured, dark grey wash.

O FUTURO DA EDUCAÇÃO EM NOSSAS MÃOS

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SUBCOORDENADORIA DE ENSINO DE 1º GRAU

PROPOSTA CURRICULAR DE ENSINO DE 1º GRAU
NATAL - RIO GRANDE DO NORTE
JANEIRO/1993

GOVERNADOR DO ESTADO
José Agripino Maia

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
Marcos José de Castro Guerra

COORDENADORA GERAL
Eleika Bezerra Guerrelro

SUBCOORDENADORA DE ENSINO DE 1º GRAU
Maria Socorro Galvão da Costa

RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SUBCOORDENADORIA DE ENSINO DE 1º GRAU

PROPOSTA CURRICULAR DE
ENSINO DE 1º GRAU

NATAL - RIO GRANDE DO NORTE
DEZEMBRO / 1992

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO ADMINISTRATIVO - BLOCO - EDUCAÇÃO
BR, 101 - Km 0 - LAGOA NOVA - NATAL-RN
CEP: 59.059-900 FONE: (084) 231-1464

PRODUÇÃO DE TEXTOS

. Técnicos da SEC/RN - Subcoordenadoria de Ensino de 1ª Grau

PRODUÇÃO EDITORIAL

Revisão

. Maria Guedes Pedroza
. Maria do Livramento Pereira de Faria
. Rosângela Maria de Lima Guimarães
. Cleomar Freire de Oliveira

Normatização Bibliográfica

. Maria de Lourdes Freitas de Almeida

Apoio Administrativo

. Erivaldo de Souza Rego	. Maria Elizete de Lima
. Eunícia Ginani	. Maria do Socorro Pinheiro Marques
. Francisco Ferreira da Silva	
. José dos Santos Galvão	

RN-SEC, 1ª GRAU

GRUPO DE ELABORAÇÃO DA PROPOSTA DE HISTÓRIA

1. JECI BULHÕES DE ARAÚJO
2. MARIA DO CÉO ALVES
3. MARLÚCIA GALVÃO BRANDÃO
4. MARIA GORETH MACEDO
5. MIRIAM DE ARAÚJO
6. MIETJE MARA DE AQUINO

PARTICIPAÇÃO

- PROFESSORES DE 1ª à 8ª SÉRIES,
NUMA REPRESENTAÇÃO DA REDE ES-
TADUAL E MUNICIPAL DE NATAL.

NATAL/RIO GRANDE DO NORTE

DEZEMBRO/1992

APRESENTAÇÃO.

Esta "Proposta Curricular" faz parte de um conjunto de medidas preparadas para iniciar o Ano Letivo de 1993, que pretendem contribuir para devolver à Escola Pública e aos profissionais da educação a credibilidade e o respeito que merecem.

Uma proposta aberta

A Escola Pública pode voltar a ser o padrão a partir do qual se define o que é educar para o presente e para prepararmos a virada do século. Os conteúdos curriculares em vigor em nosso Estado foram publicados em 1977 e datam de 1973.

Fruto de mais de 6 anos de trabalho na Secretaria de Estado da Educação e Cultura, este documento deve ser considerado como uma proposta. Apresentada sem censura prévia, com seus méritos e qualidades, e eventuais insuficiências.

Consideramos que o importante seria garantir sua mais ampla difusão. E apelar para que ela cumpra sua missão, uma vez conhecida, e confrontada com o nobre e insubstituível cotidiano da sala de aula, nossa realidade concreta.

Seu principal objetivo é facilitar o ensino e a aprendizagem, numa relação respeitosa, onde diálogo, responsabilidade e reciprocidade estão sempre presentes.

Ao mesmo tempo, enquanto proposta ela deve suscitar sua própria superação. Gerar complementos e críticas positivas exigidos pela profunda transformação imposta à educação pelo tempo presente.

Preparar o 3º milênio

No ano 2000 estarão terminando o 1º Grau os que ora o iniciam. Até o início do terceiro milênio, deveremos poder garantir a todos os que procuram a Escola Pública o direito de concluir a 8ª série. Sem condenarmos a maioria dos alunos à repetência, nem expulsarmos uma grande parte.

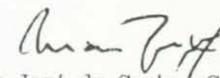
Ao contrário, garantindo acesso, permanência e sucesso. E a plena aprendizagem de conteúdos e métodos que consolidem a cidadania e a democracia brasileira.

Um desafio profissional

Educação é direito essencial e dever do Estado, condição objetiva para aperfeiçoar o exercício da cidadania em nosso país.

Devemos e podemos transformar a qualidade do ensino público. Este é o maior desafio aos profissionais que nela atuam.

Natal, Janeiro de 1993.



Marcos José de Castro Guerra
Secretário da Educação e Cultura

"A História humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola, também, nos quintais entre as plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de fogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma tradição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz".

(Ferreira Gullar)

INTRODUÇÃO

A questão do ensino de História atinge os mais diferentes espaços, desde a Universidade e entidades específicas, como a 1ª Associação Nacional dos Professores de História - ANPUH, e a Sociedade de Estudos Históricos. Passa pelas mais diferentes entidades representativas da categoria dos trabalhadores em educação, preocupados com o ensino brasileiro, até o interior das próprias escolas, onde as experiências vividas por professores e alunos vêm evidenciando a crise do ensino de História, a qual reflete a problemática mais geral da educação no Brasil.

É comum ouvirmos de nossos alunos: - "para que serve essa disciplina?" - "Por que ensina, apenas, coisas do passado, se não tem nada a ver com as nossas vidas". Conclusão: o ensino de História perdeu sua função, perdeu seu objeto. E isso, graças ao projeto de ensino de História elaborado por nossas autoridades governamentais e por intelectuais, que tão bem serviram à ditadura militar. As intenções eram claras, - tratava-se de eliminar do ensino de História toda e qualquer possibilidade de reflexão histórica e a criatividade. Durante todos esses anos, a política educacional implantada no país, procurou não só bani-la, mas, sobretudo, deformá-la.

Entretanto, a História resistiu. Os profissionais do ensino reagiram de norte a sul do país, tendo em vista a revisão na legislação pertinente ao ensino de História

cia-se o processo de reforma dos currículos de História em várias Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Os postulados dos programas de ensino, elaborados de acordo com os princípios da política educacional dos anos 70, já estão superados para muitos.

Nessa caminhada de luta, o debate acadêmico em torno da necessidade de mudanças, no ensino de História, cresceu e multiplicou-se assim como a troca de experiências, o surgimento de propostas alternativas e demais discussões a nível nacional, fruto da organização e da iniciativa dos profissionais de História.

No nosso Estado, essa discussão vem se dando de forma incipiente, com pequenos e isolados grupos de professores da disciplina, que tentam, nas escolas, enfrentando toda série de limites, desenvolver algum tipo de projeto alternativo para o ensino de História. Tais projetos acabam sendo postos de lado, diante dos obstáculos que se apresentam para o efetivo desenvolvimento dos mesmos.

Há toda uma série de dificuldades que constituem limites à renovação do modo de fazer o ensino de História, e que dificultam o desenvolvimento do trabalho pedagógico, voltado para produção do conhecimento.

A maioria dos Cursos de História é verbalista, livresco. Consagra o mito da palavra escrita e a confusão entre a historiografia e o processo histórico. O mais grave é que nossos cursos quase nunca recorrem à prática da investigação. Conseqüentemente, os professores de História

na sua maioria, não aprenderam a pesquisar. É preciso considerar, também, que no Brasil não há preocupação com a formação permanente do profissional, seja da História ou de outras áreas do conhecimento.

Esse processo de desqualificação do professor de História não se limita à formação deficitária. Estende-se às precárias condições salariais de trabalho, ao controle do poder. Essa História procura ocultar o conflito entre as classes através de um discurso de "unidade", que indica um objetivo comum, independente do papel que o indivíduo ocupa no processo de produção e, conseqüentemente, no segmento social ao qual pertence. Essa História é factual, baseada em heróis e feitos históricos. É tida como objetiva, verdadeira, de fácil assimilação pelos alunos, porque os fatos não se explicam, não se analisam, não se interligam e não se contextualizam. São, apenas, narrados.

Essa tendência à simplificação e à distorção dos fatos, contribui para dificultar a renovação do ensino de História. E a permanência de uma História, supostamente objetiva, aparentemente verdadeira, é inquestionável, haja vista, apenas, que a ocorrência de fatos em datas e locais determinados realça a presença deste ou daquele "grande homem"! Essa concepção de História, para a idéia de que existe uma História "concreta", deve ser mantida na formação dos alunos.

Assim, em nome de um conhecimento científico da História e de todos os outros campos do saber, nós, professores, somos levados a transmitir conteúdos já elaborados

a alunos esvaziados de suas experiências. É, também, em nome de uma administração científica do trabalho de modo geral, que todos os trabalhadores são desqualificados em seu saber-fazer, em suas reivindicações e em sua cultura, tanto no modo de viver, como no de pensar e de agir.

Isso, entretanto, não significa que defendemos uma visão idealista da História, respaldada pelo voluntarismo, desconhecendo o movimento da sociedade nas suas múltiplas relações, ou propomos o "presentismo" como forma de apreensão da realidade do aluno.

Se por um lado o voluntarismo tem como pressuposto os fatos históricos, por outro lado expulsa da construção da História a multidão, o povo, a mulher, a criança, os pobres e a "presentista" não ultrapassa as constatações observadas no cotidiano, isto é, o senso comum.

Portanto, entendemos que o passado não pode ser visto pronto, acabado, construído por alguns indivíduos, nem o presente pode ser visto como consequência do passado, num processo harmônico. Nesses termos, é o presente que questiona o passado e não o contrário.

Todavia, o que está posto nos programas de História é uma organização de acontecimentos encadeados de tal forma, que uns são causas ou consequências dos outros, reduzindo a História ao tempo, meramente, cronológico.

Nessa perspectiva, os livros didáticos apresentam os "fatos históricos" revestidos de neutralidade, passando a idéia de que a partir desse ou daquele fato históri

co, tudo se transforma, em todos os lugares e para todas as pessoas.

Dessa forma, o professor trabalha com um extenso programa, tradicionalmente, organizado, que visa apenas ao acúmulo de um conhecimento compreendido como erudição, que não dá conta da totalidade, uma vez que a História é uma prática social e o vir-a-ser é construído pelo ser social, em suas múltiplas dimensões do presente.

Não se pode, também, aceitar a separação que se faz entre a História Geral e a História do Brasil, onde cada história nacional é também separada do resto do mundo, sem dá conta da simultaneidade dos acontecimentos.

A partir dessas constatações, estamos propondo a organização de um programa para o ensino de História em torno de EIXOS TEMÁTICOS. Isto implica em trabalhar com diferentes visões dos vários grupos sociais, estabelecendo uma relação de ir-e-vir entre presente e passado, na tentativa de resgatar a constituição desses grupos sociais, mediante novas formas de relacionamento com o cotidiano do aluno e o conhecimento produzido.

Trabalhar a dimensão social da temporalidade não significa tão somente a sua apreensão, mas, também, a sua própria construção social, ou seja, o que houve de mudanças, o que permaneceu, o que foi possível romper, o que estava proposto pelos grupos sociais e quem forma esses grupos sociais.

Assim, se possibilita que o aluno ultrapasse

a dimensão meramente individual do cotidiano e avance para uma perspectiva coletiva e universal, indo além das constatações. Isso é possível através da mediação do conhecimento, já produzido por outros homens em outros tempos e em outros lugares.

Para se trabalhar nessa perspectiva, ainda em condições indesejadas, depende de nossa vontade política, individual e coletiva no sentido de vencer deficiências de formação do projeto de sociedade que pretendemos construir do tipo de homem que devemos formar para essa sociedade, o que passa, inegavelmente, pelo resgate da qualidade do ensino (política de formação permanente, condições dignas de trabalho e de salário).

Neste sentido, nossa crença e o nosso entendimento são que a formulação desta proposta para o ensino de História traga, no seu bojo, as possibilidades de articular a questão da qualidade do ensino nas Escolas Públicas com a luta mais geral dos trabalhadores em educação, articulação essa, compreendida como determinante para a transformação do modo de se fazer História e de se fazer educação nesse país.

1. REORDENANDO O ENSINO DE HISTÓRIA

1.1 Pressupostos teórico/metodológicos

Para ultrapassar a visão positivista, ir além das posturas mecanicistas da História e resgatar o fazer social, propomos uma História que priorize o coletivo, os homens comuns no fazer social, cuja base teórico/metodológica tenha como fios condutores os seguintes pressupostos:

HISTÓRIA como produto da ação de todos os homens na busca de satisfação de suas necessidades. Necessidades essas, que não foram as mesmas para todos os homens, em todos os tempos. Elas foram e são condicionadas cultural e historicamente. O conhecimento dessas necessidades vem com a elaboração crítica que é a consciência daquilo que realmente somos, isto é, produto do processo histórico, até hoje, desenvolvido que deixou em cada homem uma infinidade de traços como dados no inventário cultural.

Cada HOMEM é, no momento em que está vivendo, uma síntese do que foram todos os homens desde o início dos tempos. E, ao mesmo tempo, é o ponto de partida do que os homens que vierem, posteriormente, poderão ser. Ninguém é, portanto, um ser sozinho, em cada um coexistem componentes de todos.

Na resolução dos seus problemas, no encaminhamento de suas necessidades, os homens vêm estabelecendo, no percurso da História, um feixe de relações entre si. Essas relações constituem o conjunto das RELAÇÕES SOCIAIS: as rela

ções que os indivíduos mantêm entre si, seja na produção, seja na reprodução, são reguladas de forma que permitam a organização da vida em grupo. As relações sociais concretizam-se de diversas formas, assim como as organizações de grupo. Nesses grupos, os homens se interligam numa unidade dialética e não, simplesmente, formal.

O criar contínuo é AÇÃO DO HOMEM, não se limita, ou está ligado a um fato, ou ação de um indivíduo, mas ao conjunto de fatos e indivíduos significativos em cada época.

Todo ATO HISTÓRICO é sempre realizado pelo "homem coletivo", isto é, cada ato é uma unidade cultural e social, através da qual uma multiplicidade de vontades desarticuladas e com finalidades diversas se organizam na busca de um mesmo fim.

Não se pode pensar numa concepção de mundo, criticamente, coerente sem termos consciência de nossa historicidade, do significado da fase de desenvolvimento em que nos encontramos. A compreensão desse processo é o primeiro passo, para apreensão de toda e qualquer situação vivida em qualquer tempo ou lugar. A VISÃO DE TOTALIDADE, que a interpretação sistemática de todos os fenômenos traz ao homem, seja econômica/social, possibilita a esses homens o agir consciente no processo de transformação da natureza e das relações sociais.

O COTIDIANO, enquanto palco de representação do mundo e da sociedade, nos revela o sentimento daquilo que

muda, bem como daquilo que permanece, isto é, a própria percepção da História.

A vida cotidiana não está "fora" da História, mas no "centro" do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social. As grandes ações não cotidianas, que são contadas nos livros de História, partem da vida cotidiana e a ela retorna, torna-se particular e histórica, precisamente, pelo posterior efeito que causa na vida cotidiana. Quem assimila o cotidiano de sua época assimila, também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa ser consciente, mas apenas "em si".

A História do cotidiano é, nesses termos, uma visão autêntica da História, porque representa uma das melhores formas de abordagem da História global, à medida que atribui a cada ator, a cada elemento da realidade histórica um papel no funcionamento dos sistemas, e permite decifrar essa realidade desagregada, fragmentada, cujas ações individuais não são mais do que uma parte da ação total da humanidade.

Dado a sua fragmentação e desagregação, o cotidiano por si mesmo é muito circunscrito e limitado, para possibilitar a sua compreensão crítica e, conseqüentemente, sua integração num novo patamar de entendimento que o ultrapasse, daí, porque carece de recursos para entendê-lo criticamente. Assim, no nosso entendimento, é preciso que se estabeleça um diálogo entre o presente e o passado. Esse diálogo tem como ponto de partida o cotidiano, como ele se apre-

sentada, sem no entanto reduzi-lo a mera observação, ordenação e sistematização de dados. Torna-se necessário apropriar-se do conhecimento elaborado, enquanto mecanismo de elevação cultural capaz de explicitar, quando do retorno ao ponto de partida, não só o que é essa realidade, mas, sobretudo, o que ela pode ser.

O CONHECIMENTO é a compreensão inteligível daquilo que se passa na realidade, como elemento auxiliar desse entendimento, é verdadeiro quando de forma universal, explica os nexos lógicos do objeto que estamos querendo entender. O que significa atingir a ELUCIDAÇÃO DA REALIDADE, ou seja, ultrapassar as aparências, e chegar à essência mediante uma postura crítica permanente frente às interpretações do cotidiano, e às explicações existentes no meio científico acerca do objeto que estamos investigando.

Com esse entendimento, a História que se pretende resgatar busca seus TEMAS na vida cotidiana, material e imaginária na perspectiva de compreensão do que é, para melhor entender o que não é, e o que pode ser. Explicitando seus OBJETOS, diversificando suas FONTES, ampliando seus PROBLEMAS, fazendo perguntas, indagando, investigando, problematizando, negando, portanto, a antiga postura passiva da História que se propunha a ensinar aos homens, de hoje, a partir de um passado exterior a eles, aos seus problemas e interesses.

Nesses termos, a História que propomos é a HISTÓRIA TEMÁTICA em substituição à História tradicional das periodizações que, ora escamoteia a dominação e desrespeita

as diferenças sociais, raciais e históricas através do etnocentrismo que tem a Europa, ou pelo menos uma parte dela como centro; ora explica o desenvolvimento histórico, através de uma direção e um ponto de chegada pré-determinado. Essa periodização, organizada em torno da categoria abstrata modo de produção, tem a ver, sobretudo, com a História do Capitalismo. Nesse sentido, o papel das formas de propriedades e o desenvolvimento das forças produtivas, assim como o tempo cronológico, é tomado como critério explicativo dos acontecimentos, passando a idéia de um "determinismo" e do "progresso" como direção inevitável da História.

A HISTÓRIA TEMÁTICA, ao contrário, pode fazer-se através do estudo de um objeto, a partir do qual toda a História de uma sociedade desmonta-se aos nossos olhos, isso porque qualquer tema/objeto permite à apreensão da totalidade do social, haja vista que a totalidade não implica uma visão global. Ela está em cada objeto que se analisa e pode ser reconhecida em cada uma das partes, pois essas contêm elementos que permitem ver a totalidade em sua diversidade e não na sua aparente uniformidade.

Nesse processo, o PENSAMENTO é um trabalho de reflexão que se esforça para elevar uma experiência (não importa qual seja), ao nível de entendimento, recebendo a experiência como indeterminada, fragmentada, para ser determinada, pensada e compreendida.

RECUPERAR A HISTORICIDADE seria, portanto, a reelaboração do pensar e fazer histórico. Nessa reelaboração

do pensar, os homens retornam a sua realidade social não mais como sujeitos autônomos, indivíduos, mas na qualidade de pessoas que vivem suas experiências dentro de determinadas relações necessidades e interesses antagônicos, estruturados em termos de grupos sociais.

Por entendermos que o PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM ocorre em situações concretas, a partir de sua inserção na realidade socialmente vivida por professores e alunos, temos como pressuposto trabalhar com as experiências cotidianas, experiências essas, que propomos, serem resgatadas através de EIXOS TEMATICOS que, partindo do presente vivenciado, refletido e sistematizado, busquem a apreensão de outras realidade no tempo e no espaço, a partir de um referencial que redimensione a relação com o passado histórico. Nessa perspectiva, o conhecimento já produzido será entendido como ferramenta exploratória para reflexões e não como fim de si mesmo.

A opção por eixos temáticos articula-se com a tentativa de redimensinar as relações com o passado, rompendo com o raciocínio apenas cronológico causal, como também, com o conhecimento e as práticas produzidas em torno da visão processual determinada pela História.

A História temática possibilita outra relação com o tempo histórico ao ultrapassar a dimensão temporal da História que lhe dá um tratamento regular, uniforme, simétrico, ordenando-a do mais remoto para o mais próximo, reduzindo-a a uma concepção linear.

Na escolha dos eixos temáticos que compõem es

sa proposta, apontamos TRABALHO-SOCIEDADE-CULTURA E PODER por acreditarmos que esses eixos se inter-relacionam e são, suficientemente, amplos para possibilitar a recuperação da historicidade do cotidiano, permitindo, também, que professores e alunos se remetam ao passado na tentativa de resgatar as dimensões conflituosas e contraditórias do social, sejam elas políticas, econômicas e sociais. Ressalta-se, contudo, que esses eixos não são trabalhados, isoladamente, na proposta, eles permeiam todos os conteúdos de 1ª à 8ª série.

Nesse sentido, pretendemos resgatar a dimensão do TRABALHO em suas inter-relações com o social, na perspectiva de ampliar a compreensão dos nexos entre exploração e dominação, caracterizando-o como um campo de luta onde se expressam as mais variadas formas de dominação/resistências, enquanto práticas e estratégias que se disseminam por toda estrutura social, seja no presente ou no passado.

Nossa compreensão em relação à CULTURA ultrapassa os enfoques que a tratam como algo criado e destruído por um grupo e consumido por outro, objeto de consumo, privilégio de poucos ou meramente tradição. Rechaçamos esses enfoques e entendemos cultura como aquilo que o homem cria, como processo que contém tanto mediação, quanto luta. Isso nos conduz a uma visão de cultura como forma de vida expressa no cotidiano.

Assim, SOCIEDADE é vista nas suas múltiplas formas de organização do social, campo de experiências cotidianas que se evidenciam nas contraditórias e conflituosas formas de viver, de produzir, de consumir, de se relacionar

com crenças, valores, tradições, de se comunicar, pensar, sentir e agir.

Desse modo, a questão do PODER foi introduzida como eixo temático, tendo em vista o processo de construção das noções necessárias ao entendimento do conceito de Estado, enquanto forma de organização da produção, das diferentes relações de trabalho e de poder existentes na sociedade brasileira, cujas relações têm seus nexos nas múltiplas formas de apropriação dos modos de vida e de trabalho, historicamente, constituídos.

Temos presente, que essa alternativa de reordenação do ensino de História choca-se com certas formas vigentes de conhecer a realidade, rompe os padrões que lhe são correspondentes, suas seqüenciações e periodizações. No entanto, representa uma tentativa de alargar a base da História, ampliar a concepção de fontes históricas, desenvolver estratégias de investigação, problematização e análise de dados, formação de uma postura reflexiva e ativa diante do conhecimento produzido o que exige que se repensem todas essas questões, buscando novas perspectivas que, logicamente, não são consensuais. Todavia não deve significar autoritarismo e imposição, mas, sim, criação de caminhos possíveis para a reformulação do Ensino de História.

2. CONSTRUINDO O CONHECIMENTO

2.1 Encaminhamento Metodológico

Para a criança situar-se como ser histórico na sociedade, o ensino de História deve possibilitar, desde as primeiras séries do 1º grau, elementos que facilitem a construção dessa compreensão, o que pressupõe a aquisição das noções básicas para a construção do raciocínio histórico.

Assim, a partir das séries iniciais, o ensino de História deve possibilitar ao aluno formas de apreensão quanto ao entendimento, de que as relações entre os homens e os elementos da natureza, dos homens com os outros homens, através do trabalho, determinam a formação das sociedades e as transformações sociais.

Nessa perspectiva, temos como pressuposto o trabalhar com as experiências cotidianas. Experiências essas, que acreditamos ser possível resgatá-las através do ensino e pesquisa.

Para tanto, precisamos ter em mente alguns princípios metodológicos mais gerais, tais como: estabelecer um conhecimento aproximativo do real, ou seja, tomar cada objeto de estudo com todos os elementos que o constitui num quadro de nexos e relações; procurar no particular o universal, isto é, em cada objeto estudado o importante é desenvolver as características universais que esse objeto contém. É a identificação dessas características universais que possibilitará ao aluno o entendimento da vida cotidiana.

Esse nível de entendimento passa, necessariamente, pela inserção do aluno no seu presente. Essa inserção crítica no presente, articulada com o conhecimento já produzido, possibilita no confronto do resultado da investigação, a problematização dos elementos constitutivos daquele objeto investigado.

Nesse processo de interação com o cotidiano e o conhecimento já produzido, o aluno vai reelaborando o seu entendimento e construindo o seu próprio conhecimento. No confronto, entre a produção existente e o que está sendo construído pelo aluno, resulta a problematização. Problematização essa que deve ser trabalhada e entendida pelo professor com a ultrapassagem do senso comum, da aparente uniformidade e permanência, que o cotidiano apresenta, para a pluralidade das práticas sociais, das inúmeras tensões que constituem o presente, bem como, a recuperação da historicidade dessas práticas sociais.

Resgatar a historicidade das práticas sociais, implica nessa proposta, compreender a contraditória CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA, DO ESTADO NACIONAL: O BRASIL CONTEMPORÂNEO NA ORDEM INTERNACIONAL.

Nesse sentido, a proposta de História para o ensino fundamental, é constituída de dois blocos a nível de construção do conhecimento relativo à temática a ser trabalhada de 1ª à 8ª série.

No bloco de 1ª à 4ª série, são trabalhadas as noções de tempo, de diferença/semelhança, de permanência/mu-

dança, e, a partir dessas, as noções de relações sociais, de grupo social, de História, as quais vão facilitar o aluno a situar-se no seu cotidiano em relação a outros cotidianos, e esses, em relação ao mundo, assim como, a perceber as relações existentes entre ele e aos diferentes objetos que a cercam.

A apreensão dessas noções são fundamentais para o entendimento da História dos homens, enquanto algo vivo e dinâmico.

O fato do aluno, nas primeiras séries, não dominar uma cronologia separada de sua própria vivência, a noção de tempo será desenvolvida de forma gradativa, partindo da vivência intuitiva que o aluno possui acerca do tempo. Com base nessa vivência, desenvolve-se de forma sistemática a medição e contagem do tempo (hora-dia-semana-mês); os diferentes períodos do dia (manhã-tarde-noite); o ontem, o hoje e o amanhã, o que possibilitará, progressivamente, recuos posteriores a um passado cada vez mais distante.

É fundamental que a noção de tempo seja trabalhada, permeando todos os conteúdos/atividades, de modo que se dê continuidade ao processo de formação do pensamento cronológico, processo esse que ocorre ao mesmo tempo em que se desenvolve o pensamento histórico, o qual irá se reelaborando ao longo de toda a vida escolar.

A preocupação em trabalhar a noção de diferença/semelhança está em possibilitar o desenvolvimento da capacidade. A partir da observação, o aluno sistematiza as diferenças e semelhanças existentes entre os vários aspectos do

seu cotidiano.

Esse trabalho deve ser desenvolvido em diversos níveis: num primeiro momento, a partir das diferenças e semelhanças a nível das pessoas com as quais o aluno convive. Num outro momento, a nível de objetos, tanto pessoais, quanto da escola, da sua casa, da sua família, para chegar à noção de público e privado.

Nesse processo, o aluno começa perceber que a realidade não se extingue nele, ao seu redor existem outras pessoas que são semelhantes ou diferentes, não só fisicamente como na forma de se relacionarem entre elas, com os objetos, com as atividades que realizam para satisfazer suas necessidades através de diferentes formas de viver e de trabalhar.

A partir dessas observações, o aluno vai percebendo, gradativamente, que a inserção das pessoas nas atividades do cotidiano, a forma de trabalho e de vida determinam as diferenças sociais existentes entre elas. O aluno dará conta de que a História se constrói coletivamente, à medida que o professor possibilita a construção desse conhecimento, mediante à interação do aluno com as fontes necessárias à reconstituição de sua História, ou seja, à memória, à narrativa dos documentos, à oralidade, à investigação.

Essa inserção do aluno no coletivo torna possível a compreensão da abrangência maior de sua vida, à medida que ele vai identificando a sua História com a História de sua família e de sua sala de aula.

A noção de permanência/mudança será trabalha-

da intimamente ligada à noção de tempo, haja vista, que a mudança ou permanência só se opera, e pode ser percebida através do tempo. O entendimento dessa noção possibilita ao aluno a identificação de que as transformações ocorridas, ou não, no tempo, estão presentes de alguma forma no seu cotidiano, ou seja, na sua rua, no seu bairro, na sua cidade.

No que se refere à 3ª e 4ª séries, o tratamento metodológico a ser dado, deve possibilitar o entendimento de cada um dos elementos que compõem a sociedade brasileira, hoje e ontem, em geral, particularizando com o estudo da história do Município na 3ª série e com história do Estado na 4ª série.

Dessa forma, o Município dividido em zona rural e urbana, será visto enquanto organizações sociais e a partir de dados referentes à unidade e diversidades das relações que constituem uma sociedade. Isso possibilita ao aluno o entendimento de que outros grupos sócio/culturais vivem em situações semelhantes ou diferentes, organizam-se no trabalho e na forma de viver, segundo o modo de produzirem para satisfazer suas necessidades.

Na 4ª série, a unidade e diversidade dos elementos formadores da sociedade brasileira são vistos, à medida que são desenvolvidos os conteúdos e atividades relativos à formação e construção do Estado do Rio Grande do Norte.

Dando continuidade e aprofundamento aos conteúdos trabalhados de 1ª à 4ª série, estamos propondo para o bloco de 5ª à 8ª série uma programação a nível de TEMÁTICA

ANUAL para cada série. Essas temáticas se relacionam entre elas com os temas e os conteúdos que lhes são peculiares, de forma que o aluno, ao concluir cada série, possa retornar ao ponto de partida, não só compreendendo as questões colocadas pelo presente, mas desenvolvendo a capacidade de ampliar essa discussão mediante a construção do seu próprio conhecimento.

Assim, concluída a 8ª série, o ensino de História terá viabilizado uma articulação entre o conhecimento trabalhado em todas as séries do 1º grau, possibilitando ao aluno a compreensão de um universo de diferentes experiências e visões dos vários grupos sociais, conseguindo, dessa forma, descobrir como se organiza esse universo de percepções para além dos fatos percebidos.

Nesses termos, na 5ª série a Temática Anual que estamos propondo é a UNIDADE E DIVERSIDADE DOS ELEMENTOS FORMADORES DA SOCIEDADE BRASILEIRA, tomando como referencial para o estudo da mesma o uso da terra, as diversas formas de trabalho, de relações sociais, de produção e de grupos sócio/culturais, por entendermos que esses elementos, independentes do tempo, do espaço, da diversidade como se apresentam, se inter-relacionam com o social e são suficientemente amplos para possibilitarem a recuperação da totalidade, permitindo que professores e alunos remetam-se aos mais diversos espaços, na perspectiva de ampliação da compreensão dos nexos entre exploração e dominação, enquanto campo de luta e de resgate das dimensões, historicamente, conflituosas e contraditórias que envolvem a subordinação e a insubordinação, tanto

no trabalho, quanto na vida.

Na 6ª série, a Temática que se pretende trabalhar é O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA. Partindo da forma de organização, unidade e diversidade da sociedade brasileira e demais sociedades latino-americanas, no presente, pretendemos que professores e alunos se remetam ao passado mediante o conhecimento histórico produzido, na tentativa de compreender o processo de desestruturação e construção dessas sociedades na lógica das práticas do sistema colonial, bem como, a desarticulação das sociedades coloniais na dinâmica da divisão internacional do trabalho.

Ao resgatar no passado dos povos americanos, os elementos comuns sem apagar as diferenças culturais, bem como, as alternativas, historicamente, formuladas pelos vários grupos sócio-culturais frente às diversas formas de dominação colonial, estamos negando o método que orienta a construção da unidade Latino-americana, que tem como base o pressuposto de que "somos todos irmãos", porque sofremos a dominação capitalista e a colonização européia.

Nesse sentido, pretendemos que, no decorrer dos estudos de História, professores e alunos tenham presente que a unidade em termos de América passa pelo reconhecimento das diferenças, pela sua recuperação histórica, que "ocupação", "conquista", "colonização", enfim, as formas de dominação foram diferenciadas e podem ser apreendidas através do estudo da multiplicidade das práticas de poder, de controle social, de organização dos governos, de relacionamentos das instituições, de articulação Estado/Sociedade.

Para 7ª série, sugerimos como Temática Anual A FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL BRASILEIRO, tomando como ponto de partida para investigação, a forma como se apresenta o Estado brasileiro, hoje, e os demais Estados nacionais latino-americanos.

Para compreender a forma como se apresentam esses Estados, sugerimos que professores e alunos remetam-se aos séculos XVIII e XIX e busquem, na formação dos Estados Liberais na América, as semelhanças e diferenças no que tange à constituição histórica dos mesmos no movimento de reorganização da ordem econômica burguesa.

Na 8ª série estamos propondo como Temática Anual O BRASIL CONTEMPORÂNEO NA ORDEM INTERNACIONAL.

Para trabalhar essa Temática, tomamos como ponto de partida a investigação sobre as contradições do capitalismo monopolista no Brasil e na América Latina, no momento atual.

Na tentativa de encontrar respostas para as questões colocadas pelo presente, entendemos que professores e alunos devem se deslocar para o início do século XX, mais precisamente, busquem entender disputa acirrada das potências européias pelas regiões produtoras de matéria-prima, a recomposição da ordem internacional advinda no bojo da crise do capitalismo e da polarização mundial ocorrida através da Primeira Guerra Mundial, situando-se nesse processo a luta pela hegemonia das grandes potências sobre os países periféricos.

Nesse contexto, deve ser trabalhada a crise

de 1929, tendo em vista a apreensão da crise do liberalismo, o surgimento dos Estados Totalitários e os limites das democratizações ocidentais, em cujo contexto se encontra a gênese do Estado Novo no Brasil.

Da polarização mundial - Segunda grande guerra, deve ser evidenciada a formação dos dois blocos na nova ordem internacional, inserida nessa nova ordem, o capitalismo consolidado na sua fase monopolista, produzindo uma nova dimensão internacional do trabalho, onde a dominação se efetiva, sobretudo, mediante a intervenção militar na América Latina. Nessa recomposição do capitalismo monopolista será ressaltada a internacionalização do capital nos países chamados "periféricos".

Nesse processo, deve ser estudado o desenvolvimentismo, o populismo e as ditaduras militares na América Latina enquanto manifestações desse mesmo processo, bem como, o movimento de redemocratização nos países da América Latina.

3. COMO TRABALHAR A PROPOSTA DE 1ª à 4ª SÉRIE

Considerando a perspectiva teórico/metodológica que norteia essa proposta, apresentamos um elenco de conteúdo/atividades, enquanto sugestões. A nossa intenção é a de contribuir para a busca de alternativas em torno da reordenação do ensino de História.

- CONTEÚDO/ATIVIDADES/1ª SÉRIE

As noções de DIFERENÇA/SEMELHANÇA são trabalhadas nessa série, tendo em vista a preocupação de desenvolver no aluno atitudes, para que a partir da observação, ele possa sistematizar as diferenças e semelhanças existentes nos vários aspectos do cotidiano.

Essas noções podem ser trabalhadas de várias maneiras, entre outras, propomos que parta das diferenças e semelhanças existentes entre as pessoas com as quais o aluno se relaciona.

COM QUEM VIVEMOS: as pessoas com as quais o aluno convive: familiares-colegas, etc.

. constatando as semelhanças e diferenças entre elas;

. observando como essas pessoas relacionam-se entre si, com os parentes, com a vizinhança, nas brincadeiras, com os colegas, etc.

Este conteúdo pode ser trabalhado através de:

. utilização de fotografias e/ou recortes de revistas, desenhos, dramatização, descrição feita pelo aluno;

. representação de imagem gráfica, desenhos feitos pelos alunos de forma que permita: ordenação por tamanho, diferenciando o maior do menor, o adulto da criança; ordenação por idade, diferenciando o mais novo do mais velho; ordenação por sucessão, primeiro/último, antes/depois.

QUEM ENCONTRAMOS NA ESCOLA - as pessoas que o aluno convive na sala de aula, na escola.

Este conteúdo pode ser trabalhado:

. na sala de aula, com os diferentes e semelhantes lugares de onde vieram os alunos, seus familiares origem das famílias, nomes, etc.

. na escola, com as diferentes atividades, como: dar aulas, participar das aulas, fazer a limpeza da escola, dirigir a escola.

OS OBJETOS DA CASA E DA ESCOLA - trabalhar com os objetos pessoais do aluno: material/escolar, objetos de sua casa, introduzindo a noção da coisa privada (pessoal e da família) e estabelecendo a diferença entre essa noção e a noção da coisa pública (a escola, os serviços, a rua, a praça, etc), criada e mantida pelo governo através da arrecadação de impostos, taxas e outros.

Pode-se trabalhar esse conteúdo mediante a observação e expressão do aluno, em relação ao objeto pessoal ou da família, da seguinte forma:

- . de onde veio?
- . como chegou até nós?

- . para que, e a quem serve?
- . esse objeto era utilizado antigamente?
- . como era antes?
- . a quem servia?

Da observação e expressão do aluno em relação aos objetos que a escola dispõe, questiona-se:

- . para que servem?
- . a quem pertencem?
- . como chegaram à escola?
- . a escola possui todo material que necessita?
- . a escola sempre foi assim? Como era antigamente?
- . sofreu algum tipo de modificação?
- . como deveria ser a escola?

COMO NOS RELACIONAMOS EM CASA E NA ESCOLA PARA SATISFAZER NOSSAS NECESSIDADES - Trabalhar com as diferentes atividades realizadas pelas pessoas, para satisfazer às necessidades sociais, tomando como ponto de partida as atividades realizadas pelo próprio aluno e pelas pessoas com as quais ele convive.

Para trabalhar esse conteúdo, propomos a observação e expressão do aluno sobre:

- . qual a atividade que o aluno desenvolve?
- . a quem serve essa atividade?
- . quais as atividades desenvolvidas pelas pessoas com as quais o aluno convive?
- . a quem elas servem?

- . como essas atividades relacionam-se?
- . qual a atividade desenvolvida pelo professor, aluno, diretor, servente, etc?
- . a quem servem essas atividades?
- . como se relacionam as pessoas e as atividades desenvolvidas por elas?
- . por que essas relações se estabelecem dessa forma?
- . poderiam ser diferentes? Como?

OBSERVAÇÃO: Ao desenvolver essas atividades, o professor deve ter a preocupação de distribuí-las e ordená-las no tempo. Isso contribui para que o aluno apreenda as noções de duração, simultaneidade e ordenação. A distribuição e ordenação dar-se-á ao longo dos períodos, dos dias da semana e do mês.

DIFERENTES NECESSIDADES - DIFERENTES ATIVIDADES - Trabalhar com a diferença entre atividades que produzem mercadorias destinadas ao mercado de consumo (venda), e atividades que produzem artigos, para serem diretamente consumidos.

Esse conteúdo pode ser desenvolvido da seguinte forma:

- . acompanhamento por parte do aluno de todas as etapas de elaboração de um objeto ou produto feito em casa para uso próprio: um vestido, uma sopa, um bolo, etc;
- . ordenação das etapas dos materiais utilizados, registrados através de desenhos, gravuras;

. expressão oral: por quem essa atividade foi realizada? A quem serve o produto dessa atividade?

. acompanhamento de todas as etapas da confecção do pão, numa padaria, ou de outro produto que possa ser sugerido pelo aluno;

. ordenação das etapas através de registro gráfico;

. expressão oral: por que esse trabalho foi realizado dessa forma? A quem serve o produto desse trabalho? e quem o consome?

OBSERVAÇÃO: Relacionar as atividades observadas, tendo em vista o estabelecimento das diferenças entre produção para satisfação das necessidades domésticas, e a produção voltada para satisfação das necessidades postas na sociedade.

DIFERENTES FORMAS DE TRABALHO-DIFERENTES FORMAS DE VIVER: DIFERENÇAS SOCIAIS - Nesse conteúdo, o aluno deverá perceber que a inserção das pessoas nas atividades do cotidiano, tem a ver com as diferenças sociais.

Para tanto, sugerimos que esse conteúdo seja trabalhado, conforme o encaminhamento que se segue:

. observação da situação de alguém no seu próprio ambiente de trabalho (a própria padaria e as pessoas que já estão trabalhando);

. perceber quem faz o pão, quem vende o pão, quem ganha (lucro) com a venda do pão.

CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA - implica em trabalhar com as noções de ordenação, de diferença de seqüência do tempo, sistematização de dados.

Pode-se trabalhar em conteúdo da seguinte forma:

. observação, ordenação e verbalização do aluno sobre uma história em quadrinhos sem legenda e recortada quadro a quadro. Os quadros serão entregues desordenados ao aluno, para que ele ordene-os e conte a história. É óbvio que o professor deve respeitar a ordem e a imaginação do aluno na construção de sua história.

A partir de então, podemos desenvolver outra atividade com a história do próprio aluno, que pode ser reconstituída de diferentes formas:

- . a partir de fontes orais;
- . utilizando o registro de nascimento;
- . por meio de registros gráficos -desenhos das mudanças observadas em diversas fases do crescimento do aluno;
- . sua projeção para o futuro;
- . como gostaria de ser, etc.

- CONTEÚDO/ATIVIDADES - 2ª SÉRIE

Propomos que sejam aprofundadas, nessa série, as noções de tempo; semelhança/diferença trabalhadas, relacionadas com a noção de PERMANÊNCIA/MUDANÇA, considerando que a mudança/permanência, só se opera e pode ser percebida através do tempo.

O exercício de percepção de mudança/permanência pode ser iniciado, tomando como ponto de partida os objetos tanto da escola, como da casa do aluno, questionando se eram utilizados no passado, como eram e para que serviam, e, avançando essas indagações em relação à própria escola: se era diferente, por quais transformações passou e por quê. Assim, ao mesmo tempo em que aguçamos o espírito indagador do aluno, estamos possibilitando condições, para que ele perceba as mudanças e permanências operadas no tempo.

Essas noções são, portanto, básicas no sentido de formação do pensamento histórico.

Nesses termos, o cotidiano do aluno, trabalhado nessa série, deve apontar para a possibilidade de identificação de que as transformações ocorridas ou não, através do tempo, estão presentes de alguma forma nesse cotidiano.

Assim sendo, o aluno deve iniciar seus questionamentos a partir do lugar em que vive: a rua, o bairro, a fazenda etc.

O LUGAR EM QUE VIVEMOS - coleta e organização de dados sobre o lugar em que vive o aluno, nos seguintes aspectos:

- . condições de infra-estrutura do lugar relacionadas com o atendimento das necessidades da população;

- . observação quanto às construções existentes, às construções inexistentes e à organização do espaço, a partir da localização das ruas, hospitais, cemitério, cadeia, prédios públicos, igrejas, praças, oficinas, armazéns,

feiras, supermercados, fábricas, lojas, cooperativas, rios, estradas etc.

- . estabelecer as diferenças entre essas construções, suas origens, seus papéis sociais e os espaços ocupados pelas mesmas;

- . descrever o que foi observado através da elaboração de desenhos, mapeamento do espaço estudado e observado, localizando e relacionando os elementos anteriormente descritos.

Com outros dados coletados, professores e alunos podem ordená-los no sentido de montar a situação atual do local.

O LUGAR EM QUE VIVEMOS SEMPRE FOI ASSIM? o levantamento dos dados referentes ao lugar, no presente, suscitará questões que podem possibilitar o encaminhamento para construção da HISTÓRIA DO LUGAR a partir do resgate da memória local e da historiografia produzida. Isso vai contribuir para o trabalho com documentos históricos, e a compreensão acerca da diversidade das fontes históricas, e ao mesmo tempo, formar uma postura crítica que permita ao aluno entender o documento como fruto de uma época e de interesses determinados.

Esse conteúdo pode ser trabalhado da seguinte forma:

- . entrevistas com pais, parentes próximos e moradores do lugar, a fim de levantar dados referentes à permanência/mudanças, operadas no tempo e no espaço, quanto aos seguintes aspectos:

. novas construções, demolições, outras modificações na ocupação do espaço, com novas ruas, novos bairros, praças, etc;

. pessoas que chegaram, que saíram, as razões dessa mobilidade, relacionando-as com as necessidades de sobrevivência;

. reunir fatos, recortes de jornais antigos sobre o lugar;

. elaborar mapas que indiquem diferentes formas de ocupação do lugar, no tempo.

Nessa fase, os dados coletados podem ser utilizados para elaboração de relatos, os quais serão trabalhados de forma articulada, estabelecendo possíveis relações entre mudanças nas construções/mobilidade profissional, transformações das atividades, mediante desenhos, mapas das antigas formas de organização e distribuição do espaço, tendo em vista o registro das alterações ocorridas no lugar.

. observar e criticar o significado de um documento/mônimo para as pessoas do lugar: a própria escola, a igreja, documentos escritos etc;

. problematizar as fontes históricas: por quem e quando foi feito? Como foi feito? Para que e para quem foi feito? Para que e para quem serve?

. comparar as formas de pensar a história do lugar, a partir dos dados coletados pelas fontes orais e materiais;

. confrontar os dados para descobrir suas se-

melhanças e divergências;

. confrontar novamente esses dados com a História "Oficial" escrita, sobre o lugar;

. indagar como poderia ser o lugar em que vivemos.

Essas atividades ajudam ao aluno a compreender a História como resultante das formas de participação/organização dos vários grupos sociais, tendo em vista suas perspectivas de vida e projeções para o futuro.

- CONTEÚDO/ATIVIDADES - 3ª SÉRIE

Na 3ª série, propomos que seja trabalhado o MUNICÍPIO, mas que se mantenha a preocupação do estudo partindo do cotidiano do aluno, o lugar em que ele vive, e, avançar para outro espaço dentro do próprio espaço do Município, considerando a possibilidade do aluno entender a organização do espaço na zona rural e na zona urbana, bem como, as condições de vida e de trabalho e as relações que se estabelecem entre uma e outra zona.

O MUNICÍPIO: ZONA URBANA - A CIDADE

Coleta e organização de dados referentes ao lugar onde o aluno está, vive, tais como:

. moradia, utilização do tempo livre, alimentação;

. condições de infra-estrutura do lugar (saneamento básico, transporte, habitação, saúde, educação, comunicação, abastecimento d'água e de produtos alimentícios-

eletrificação)

- . ocupação do solo urbano (especulação imobiliária, loteamento);
- . condições de trabalho (emprego/desemprego, salário, jornada de trabalho);
- . formas de remuneração do trabalho (salário, prestação de serviços e outros);
- . procedências dos trabalhadores (locais de origem: êxodo rural, concentração urbana);
- . formas de trabalho (profissões e/ou ocupações);
- . mercado de trabalho (fábricas, comércio, instituições públicas e privadas, outros);
- . formas de organização dos trabalhadores (sindicatos, associações de bairros, movimentos populares);
- . movimentos reivindicatórios (greves, atos públicos, panfletagem, outras manifestações);
- . exclusão social (violência urbana, criminalidade);
- . patrimônio histórico-cultural (preservação/destruição);
- . formas de manifestações culturais;
- . presença e influência sócio-cultural de migrantes e imigrantes e outros grupos sócio-culturais.

Esses dados são ordenados em classe pelos professores e alunos. No momento da ordenação, aproveita-se

a oportunidade para discutir, criticar e polemizar o resultado do que foi investigado no cotidiano do aluno. A forma de registro da investigação, está na dependência da criatividade dos professores e alunos, variando do desenho à maquete e/ou o registro gráfico.

Tomar como ponto de partida para esse estudo a zona urbana ou a zona rural, dependendo do local em que se encontrem professores e alunos. O importante é que, concluídas as investigações acerca de uma localidade, se inicie o estudo com a outra, tendo em vista o confronto das duas, na fase de conclusão dessa série.

ZONA RURAL: Q- SÍTIO - A FAZENDA - A VILA -
O POVOADO.

Coleta de dados sobre os seguintes aspectos:

- . moradia - alimentação - ocupação do tempo livre;
- . condições de infra-estrutura (transporte, educação, saúde, eletrificação, meios de comunicação);
- . ocupação do solo rural (grandes propriedades, pequenas propriedades, fazenda, sítios, granjas, vilas, povoados);
- . formas de organização da produção (cooperativas, usinas de beneficiamento de produtos agrícolas, venda dos produtos: ao intermediário e/ou ao consumidor);
- . formas de remuneração do trabalho (salário, prestação de serviços e outros);

- . condições de trabalho (jornada de trabalho, segurança);
- . formas de trabalho (profissões e/ou ocupações);
- . procedência dos trabalhadores (locais de origem);
- . formas de organização dos trabalhadores rurais (sindicatos, federação, movimento dos sem terra);
- . grupos sócio-econômicos dominantes na região;
- . manifestações culturais.

Sugerimos as mesmas atividades desenvolvidas no estudo sobre a zona urbana. Para concluir esse trabalho sobre o Município, propomos que professores e alunos montem a situação atual do Município trabalhado, estabelecendo as diferenças/semelhanças entre a zona urbana e a zona rural, confrontando e polemizando os aspectos investigados.

A partir da conclusão dessa etapa de trabalho, professores e alunos podem avançar nos estudos acerca de como esses espaços eram ocupados no passado; quem habitava, como se estabeleciam as relações sociais de trabalho entre os homens e dos homens com a natureza, as manifestações culturais existentes, a forma de organização social etc. Consultar os documentos historiográficos e outras fontes que possam contribuir para elucidação do passado daquelas localidades.

A importância dessas atividades, entre tantas, reside no fato de possibilitar ao aluno as condições ne-

cessárias para que ele, partindo da observação dos mais variados aspectos do seu cotidiano, investigue esse cotidiano (resgate a memória local: senso comum), busque outras fontes de conhecimento (documentos historiográficos), e retorne ao ponto de partida com os instrumentos culturais de que necessita, para reelaborar o conhecimento existente através da crítica, do confronto, da problematização, e possa, dessa forma, ultrapassar o senso comum, e reconstruir o seu conhecimento histórico, enquanto possibilidade de apreensão do real, nas séries finais de sua escolaridade.

- CONTEÚDO/ATIVIDADES - 4ª SÉRIE

A noção de relações sociais, e a noção de diferentes formas de organização do trabalho não se limitam em si mesmas; através da interligação dessas duas noções, podemos perceber a persistência e/ou o abandono de traços culturais, bem como, as práticas de dominação e de resistência no tempo e nos espaços investigados.

Nessa perspectiva, propomos que o estudo na 4ª série, não perca de vista o cotidiano vivido pelo aluno, as condições de vida, de trabalho, de relacionamento entre os vários segmentos sociais existentes, e busque, no passado, os nexos, as relações desses aspectos, com as condições de vida, de trabalho, de relacionamento, dos grupos sócio-culturais que viveram nesse espaço que está sendo investigado.

Para tanto, propomos como unidade de estudo a FORMAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, a partir do seguinte conteúdo:

O LUGAR EM QUE VIVEMOS: FORMAS DE VIDA E DE TRABALHO.

Coleta de dados referentes ao seguintes aspectos:

- . condições de vida do lugar (alimentação, vestuário, festas, manifestações culturais, moradia);
- . condições de infra-estrutura (saneamento básico, energia, saúde, educação, transporte, meios de comunicação), relacionados às necessidades da população;
- . mercado de trabalho;
- . formas de organização dos trabalhadores;
- . presença e influência de migrantes/imigrantes e outros grupos sócio-culturais no sentido de inferir da dos relativos a diversidade cultural no espaço do RN;
- . organização do espaço: bairros, avenidas, ruas, vilas, favelas, tráfego, rios, hospitais, cemitérios, delegacias, prédios, conjuntos habitacionais, escolas, igrejas, praças, pontes, fábricas, lojas, armazéns, mercadorias, cooperativas etc;
- . relações entre esse espaço e construções, suas origens, seus papéis sociais;
- . aspectos referentes à forma de administração do lugar;
- . partidos políticos.

Coletados e organizados esses dados, sugerimos que se trabalhe, inicialmente, com as condições de infra-

estrutura do lugar, para que se possa perceber o tratamento que é dado pela esfera pública à população, desenvolvendo dessa forma, a noção de funcionamento dos órgãos de poder. Isso poderá fornecer ao professor elementos para montagem preliminar dos diferentes níveis de organização do poder, em função do atendimento das necessidades básicas da população.

A descrição do que for observado (fachadas, disposição das construções, praças, etc), sugerimos que seja registrada através da elaboração de desenhos, mapeamento do espaço investigado a partir de sua ocupação, localizando os elementos pesquisados a nível de organização desse espaço.

O LUGAR EM QUE VIVEMOS SEMPRE FOI ASSIM?

Para trabalhar esse conteúdo sugerimos:

- . entrevistas com pais, parentes e moradores antigos do lugar, tendo em vista o levantamento de dados referentes à permanência e/ou mudanças operadas no tempo e no espaço, quanto aos seguintes aspectos:
- . físicos: demolições, construções, outras modificações na ocupação do espaço;
- . mobilidade populacional: entrada e saída de contingentes populacionais, indagando as razões dessa mobilidade e relacionando-as às necessidades de sobrevivência;
- . atividades humanas predominantes e modificações operadas nessas atividades.

Ordenados e questionados esses dados, professores e alunos podem avançar essa investigação no passado,

através da pesquisa documental, historiográfica, no que se refere à ocupação, organização de vida, de trabalho e às relações sociais estabelecidas entre os diferentes grupos sócio/culturais que ocuparam o espaço do Rio Grande do Norte, no passado.

Para tanto, sugerimos o seguinte encaminhamento:

. quem foram os primeiros habitantes do Rio Grande do Norte;

. qual era a forma de organização sócio-econômico-cultural dos primeiros habitantes (como viviam, de que viviam, de onde vieram, porque vieram suas manifestações culturais, sua sobrevivência, uso da terra);

. formas de distribuição dos grupos no espaço do Rio Grande do Norte;

. ocupação do espaço do Rio Grande do Norte pelos europeus: forma de dominação.

. formas de resistência do indígena frente à dominação européia;

. forma de organização sócio-econômico-cultural dos europeus no Rio Grande do Norte; a capitania, a colonização, o extrativismo, a produção, a pecuária, a imposição cultural/religiosa.

. a reorganização do espaço: O Forte dos Reis Magos, as fazendas, os engenhos, as vilas etc.

. a vinda do negro africano para o Rio Grande do Norte;

. formação étnico/cultural: branco, índio e negro: mameluco, mulato, cafuso.

Da investigação oral e documental, confrontada com a situação local no presente, sugerimos alguns pontos como orientação para conclusão da investigação:

. em que aspectos podemos observar manifestações de dominação/resistência?

. quais foram as mudanças que ocorreram no que se refere a hábitos, crenças, tradições, costumes, posse da terra?

. o que permanece em relação a traços culturais, religião, festas, vestuário, hábitos alimentares, costumes, danças, música etc?

. de que maneira se alteraram, ou não, as condições de vida e de trabalho?

. que modificações aconteceram na propriedade da terra, na ocupação do espaço, nas relações sociais entre os diversos grupos sócio-culturais?

. que evidências podem ser observadas na reorganização dos espaços de trabalho público?

O entendimento dessas questões no ponto de chegada, que é o ponto de partida (o cotidiano do aluno), pressupõe-se que possibilitará a reelaboração do conhecimento histórico, a nível de sistematização da problemática da FORMAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE.

4. COMO TRABALHAR A PROPOSTA DE 5ª à 8ª SÉRIE

- CONTEÚDO - 5ª SÉRIE

TEMÁTICA ANUAL: UNIDADE E DIVERSIDADE DOS ELEMENTOS FORMADORES DA SOCIEDADE BRASILEIRA: Terra, Trabalho, relações sociais de produção, grupos sócio-culturais.

TEMA 1 - OCUPAÇÃO E USO DA TERRA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

- Nas áreas urbanas:

. Construção de prédios - loteamentos - vilas - favelas - ocupação de dunas;

. Problemas sociais: especulação imobiliária, falta de áreas verdes, invasões;

. Movimentos populares: associações de moradores, movimento dos sem terra urbanos.

- Nas áreas rurais

. Grandes propriedades (latifúndios);

. Pequenas propriedades (minifúndios);

. Conflitos pela posse da terra: posseiros

X grileiros;

Movimentos do sem terra;

. Reforma Agrária.

TEMA 2 - RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO

. Assalariados;

. Assalariados temporários;

. Posseiros - Meeiros - Terceiros;

. Boias frias "e" Peões.

TEMA 3 - A POPULAÇÃO BRASILEIRA: GRUPOS SÓCIO-CULTURAIS

. O indígena;

. O Branco;

. O Negro;

. Forma de vida;

. Forma de trabalho;

. Manifestações culturais.

TEMA 4 - USO DA TERRA E RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO NAS COMUNIDADES PRIMITIVAS DAS AMÉRICAS.

. Tupis/Guaranis

. Incas

. Astecas

. Maias

TEMA 5 - USO DA TERRA E RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO NAS CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS.

. Na Grécia

. Em Roma

TEMA 6 - USO DA TERRA E RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO NAS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES ORIENTAIS.

. No Egito;

. Na Pérsia;

. Na Mesopotâmia;

TEMA 7 - USO DA TERRA E RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO NA EUROPA MEDIEVAL.

Nos Feudos

TEMA 8 - DIFERENTES MODOS DE DISTRIBUIÇÃO E EXPLORAÇÃO DAS TERRAS CONQUISTADAS PELOS EUROPEUS.

- . Na colonização Portuguesa;
- . Na colonização Espanhola;
- . Na colonização Inglesa.

TEMA 9 - DIFERENTES CONCEPÇÕES DE POLÍTICA DE OCUPAÇÃO/ CONQUISTA E COLONIZAÇÃO.

- . Para os Portugueses;
- . Para os Espanhóis;
- . Para os Ingleses.

TEMA 10-DIFERENTES ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DOS POVOS DAS AMÉRICAS.

- . As comunidades primitivas tupi/guaranis;
- . A confederação Asteca;
- . As cidades-estado Maias;
- . O Império Inca.

TEMA 11-AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE COLONIZADOR E COLONIZADO:

- . Formas de dominação/resistência
- . Dos tupis/guaranis;

- . Dos Astecas;
- . Dos Incas;
- . Dos Maias.

- CONTEÚDO - 6ª SÉRIE

TEMÁTICA ANUAL - O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA.

TEMA 1 - A SOCIEDADE BRASILEIRA ATUAL

- . Forma de organização sócio-político-cultural;
- . Modo de produção;
- . Relações sociedade civil/Estado/Igreja;
- . Os movimentos sociais.

TEMA 2 - AS SOCIEDADES LATINO-AMERICANAS ATUAIS

- . Semelhanças e diferenças;
- . Forma de organização sócio-político-cultural;
- . Modo de produção;
- . Relações sociedade civil/Estado/ Partidos Políticos/Igreja.

TEMA 3 - AS SOCIEDADES COLONIAIS NAS AMÉRICAS, NOS SÉCULOS XVIII e XIX.

- . Semelhanças e diferenças;
- . A Colônia Portuguesa do Brasil;
- . As Colônias Espanholas;

TEMA 4 - CONTESTAÇÕES AO SISTEMA COLONIAL: CRISE NAS COLÔNIAS.

. No Brasil, nas colônias Espanholas e nas colônias Inglesas;

- . Revoltas nativistas;
- . Guerra dos indígenas;
- . Guerra dos escravos;
- . Rebeliões camponesas;
- . Levantes indígenas e urbanos;
- . Luta pela independência das colônias.

TEMA 5 - FASE DE CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE BURGUESA EUROPÉIA.

- . Independência das 13 colônias;
- . Revolução Inglesa;
- . Revolução Francesa;
- . Os princípios iluministas e liberalistas.

TEMA 6 - DESARTICULAÇÃO DAS SOCIEDADES COLONIAIS: E REARTICULAÇÃO DA POLÍTICA INGLESA.

- . Permanência e mudanças;
- . Na Independência do Brasil;
- . Na Independência das Colônias Espanholas.

- CONTEÚDO - 7ª SÉRIE

TEMÁTICA ANUAL - A FORMAÇÃO DO ESTADO NACIONAL BRASILEIRO.

TEMA 7 - O ESTADO BRASILEIRO ATUAL.

- . Forma;
- . Papel do Estado;
- . Os Partidos Políticos.

TEMA 8 - OS ESTADOS NACIONAIS NA AMÉRICA LATINA.

- . Semelhanças/diferença;
- . Na forma;
- . No papel do Estado;
- . Nos partidos políticos.

TEMA 9 - A FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS LIBERAIS NOS SÉCULOS XVIII e XIX NAS AMÉRICAS.

- . Semelhanças/diferença:
- . Na dominação imperialista;
- . No regime: monárquico/republicano;
- . Na centralização/descentralização do poder;
- . Na ruptura/subordinação à Igreja e às Forças Armadas;
- . Abolição/manutenção da escravidão;
- . Fragmentação/Unidade Territorial;
- . Guerras/conchaves/alianças;
- . Formas de resistência/dominação.

TEMA 10 - A CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS ESTADOS LIBERAIS NA AMÉRICA LATINA: BRASIL-ARGENTINA-BOLÍVIA-URUGUAI-PARAGUAI-CHILE.

- . Semelhança/diferença:
- . Nos projetos políticos (ideológicos dos conservadores e liberais);

. Na transição do trabalho escravo para o trabalho livre;

. Nos movimentos de resistência/dominação;

TEMA 5 - A MODERNIZAÇÃO DOS ESTADOS REPUBLICANOS DA AMÉRICA LATINA: BRASIL-ARGENTINA-MÉXICO-PARAGUAI-URUGUAI-CHILE.

. Semelhança/diferença:

. Na estrutura político/econômica;

. No processo de industrialização;

. Na dependência/autonomia comercial e industrial;

. Na composição da classe operária;

. No desenvolvimento econômico.

TEMA 6 - A CRISE DOS ESTADOS REPUBLICANOS DA AMÉRICA LATINA BRASIL-ARGENTINA-BOLÍVIA-URUGUAI-CHILE-PARAGUAI.

. Semelhança/diferença:

. Oligarquias;

. Coronelismo;

. O caudilhismo;

. Ditadura;

. A política dos governadores;

. A burguesia industrial e as camadas médias;

. O tenentismo;

. Os movimentos sociais: resistência/dominação.

- CONTEÚDO - 8ª SÉRIE

TEMÁTICA ATUAL - O BRASIL CONTEMPORÂNEO NA ORDEM INTERNACIONAL.

TEMA 1 - AS CONTRADIÇÕES DO CAPITALISMO MONOPOLISTA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA.

. Semelhança/diferença:

. Na dívida externa;

. Na produção do conhecimento técnico e reprodução das desigualdades sociais;

. Nos movimentos sociais urbanos e rurais;

. Nas formas de dominação/resistências;

. Na organização dos trabalhadores;

. Nos grupos dominantes;

. Na forma de veiculação da cultura.

TEMA 2 - A EXPANSÃO IMPERIALISTA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI - DISPUTA DAS POTÊNCIAS EUROPEIAS - PELAS REGIÕES PRODUTORAS DE MATÉRIA-PRIMA.

. A Primeira Guerra Mundial;

. A Revolução Russa.

TEMA 3 - A CONSOLIDAÇÃO DO CAPITALISMO NOS ESTADOS UNIDOS E A CRISE MUNDIAL DO LIBERALISMO.

. A crise de 1929;

. A emergência dos Estados totalitários: nazismo-fascismo-stalinismo.

TEMA 4 - A CRISE DE 1929 NA AMÉRICA LATINA.

- . Semelhança/diferença:
- . Vargas e o Estado Novo no Brasil;
- . Cárdenas e o populismo no México;
- . O General Uriburu e o golpe de Estado na Argentina.

TEMA 5 - OS CONFLITOS ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS CAPITALISTAS PELA REDIVISÃO DE MERCADOS.

- . A Segunda Guerra Mundial;
- . A formação dos blocos socialista e capitalista na nova ordem mundial;
- . A Guerra Fria.

TEMA 6 - A CONSOLIDAÇÃO DO CAPITALISMO MONOPOLISTA NA AMÉRICA LATINA.

- . Semelhança/diferença:
- . Modernização da economia: a industrialização;
- . A classe operária e a burguesia industrial latino-americana;
- . Os partidos políticos;
- . As constituições;
- . O populismo e o nacionalismo.

TEMA 7 - AS CONTRADIÇÕES DO POPULISMO E/A INTERVENÇÃO MILITAR NA AMÉRICA LATINA.

- . Semelhança/diferença:

. Nos planos políticos de reforma dos governos populistas;

- . Nos movimentos sociais;
- . Na organização sindical;

FORMA DE INTERVENÇÃO MILITAR:

- . Golpe Militar de 1964 no Brasil;
- . Golpe Militar de 1979 na Bolívia;
- . Golpe Militar de 1972 no Uruguai;
- . Golpe Militar de 1973 no Chile;
- . Golpe Militar de 1976 na Argentina.

TEMA 8 - OS GOVERNOS MILITARES NA AMÉRICA LATINA, NOS ANOS 60/70.

- . Semelhança/diferença:
- . No modelo político-econômico implantado na América Latina;
- . Na desestruturação dos Sindicatos dos Partidos Políticos e Instituições democráticas da sociedade civil;
- . Nas formas de dominação/resistência.

TEMA 9 - O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.

- . Semelhança/diferença:
- . No Brasil;
- . Na Bolívia;
- . No Uruguai;
- . No Chile;
- . Na Argentina.

TEMA 4 - A CRISE DE 1929 NA AMÉRICA LATINA.

- . Semelhança/diferença:
- . Vargas e o Estado Novo no Brasil;
- . Cárdenas e o populismo no México;
- . O General Uriburu e o golpe de Estado na Argentina.

TEMA 5 - OS CONFLITOS ENTRE AS GRANDES POTÊNCIAS CAPITALISTAS PELA REDIVISÃO DE MERCADOS.

- . A Segunda Guerra Mundial;
- . A formação dos blocos socialista e capitalista na nova ordem mundial;
- . A Guerra Fria.

TEMA 6 - A CONSOLIDAÇÃO DO CAPITALISMO MONOPOLISTA NA AMÉRICA LATINA.

- . Semelhança/diferença:
- . Modernização da economia: a industrialização;
- . A classe operária e a burguesia industrial latino-americana;
- . Os partidos políticos;
- . As constituições;
- . O populismo e o nacionalismo.

TEMA 7 - AS CONTRADIÇÕES DO POPULISMO E/A INTERVENÇÃO MILITAR NA AMÉRICA LATINA.

- . Semelhança/diferença:

. Nos planos políticos de reforma dos governos populistas;

- . Nos movimentos sociais;
- . Na organização sindical;

FORMA DE INTERVENÇÃO MILITAR:

- . Golpe Militar de 1964 no Brasil;
- . Golpe Militar de 1979 na Bolívia;
- . Golpe Militar de 1972 no Uruguai;
- . Golpe Militar de 1973 no Chile;
- . Golpe Militar de 1976 na Argentina.

TEMA 8 - OS GOVERNOS MILITARES NA AMÉRICA LATINA NOS ANOS 60/70.

- . Semelhança/diferença:
- . No modelo político-econômico implantado na América Latina;
- . Na desestruturação dos Sindicatos dos Partidos Políticos e Instituições democráticas da sociedade civil;
- . Nas formas de dominação/resistência.

TEMA 9 - O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.

- . Semelhança/diferença:
- . No Brasil;
- . Na Bolívia;
- . No Uruguai;
- . No Chile;
- . Na Argentina.

5. AVALIAÇÃO EM HISTÓRIA

5.1 Uma proposta para reflexão

Uma nova perspectiva de avaliação exige do educador uma concepção de criança, de jovem e adulto como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, inseridos no contexto de sua realidade social e política. Sujeitos esses, autônomos à nível intelectual, com capacidade e liberdade de tomar suas próprias decisões, críticos e criativos, inventivos, descobridores, observadores e participativos.

Nessa dimensão educativa, os erros, as dúvidas dos alunos são consideradas significativas e impulsionadoras da ação educativa. São esses erros que permitirão ao professor observar e investigar como o aluno se posiciona diante do mundo ao construir seu conhecimento, suas verdades. Nesses tempos, avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas.

Dessa forma, a avaliação deixa de ser um momento terminal do processo educativo, como hoje é concebida, para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do aluno e na dinamização de novas oportunidades do conhecimento.

Em História, entendemos que a avaliação deverá verificar a aprendizagem a partir daquilo que é básico, fundamental, para que ela se processe. Isto implica em definirmos o que é necessário, para que o aluno avance no cami

nho da aquisição do conhecimento, o que envolve:

- a participação efetiva do professor na definição dos conteúdos básicos, na democratização da relação professor/aluno, no processo de construção do conhecimento pelo aluno, na concepção científica da História, na definição de estratégias para o ensino e pesquisa.

Nesses termos, a concepção científica da História pressupõe o conhecimento de que as relações do homem com a natureza e com os outros homens necessitam ser apreendidas na sua historicidade, no seu vir a ser próprio em determinado tempo e espaço. Implica, portanto, em ir além da avaliação da memorização de fatos da História comemorativa para avaliação de como o aluno está elaborando a sua compreensão do processo histórico. Neste sentido é fundamental que o aluno compreenda que:

- existem diferentes formas de relações de trabalho que dão origem a diferentes grupos e sociedades;
- que os grupos e sociedades têm diferentes formas de expressar seu imaginário cotidiano, de se organizar, e que existe unidade e diversidade entre as sociedades.

Para apreensão da diversidade e unidade do social, propomos que o professor observe se o aluno está compreendendo:

- as transformações, isto é, as diferenças e semelhanças, as mudanças e permanências entre os diferentes grupos e entre as sociedades urbana e rural, colonial e industrial, totalitárias e democráticas;
- as relações, isto é, as diferentes formas de relações do homem com a natureza e com outros homens para satisfazer suas necessidades e, ao mesmo tempo, a criação de novas necessidades como produto da história dos homens.

As transformações e relações deverão ser compreendidas nas suas dimensões espaciais e temporais:

- aqui/hoje;
- hoje/em outro lugar;
- aqui/ontem;
- em outro lugar/em outro tempo.

Do ponto de vista da construção do conhecimento pelo aluno, sugerimos que se observe de forma sistemática:

- a superação do egocentrismo: se o aluno situa os conhecimentos de sua própria vida pessoal na História dos grupos com os quais vive, a História desses grupos na História de outros grupos, e na História da sociedade na qual ele vive;
- a superação do sincretismo: se o aluno está

elaborando de forma sistemática as estruturas temporais (antes/depois/passado/presente/futuro), e a posição relativa dos instantes entre si (a simultaneidade dos acontecimentos, sua alternância e sucessão), além da duração dos acontecimentos.

Ao avaliarmos a construção da noção de tempo pelo aluno, é importante observar se o conceito de tempo está sendo descentrado e entendido pelo aluno. Isto significa observar, constantemente, se o aluno está conseguindo descentrar a percepção de tempo de seu próprio tempo biológico para os tempos sociais, saindo de si mesmo como ponto de referência temporal para o tempo dos acontecimentos dos grupos e da sociedade. Por outro lado, significa avaliar se o aluno está conseguindo entender a percepção do tempo de si mesmo (tempo vivido) para dimensões temporais cada vez mais amplas: do seu grupo; de outros grupos, da sociedade (tempo percebido e concebido).

Finalmente, queremos destacar que o aluno trás para a escola as suas vivências temporais e sociais que expressam a temporalidade da sua própria cultura. É importante levarmos em consideração estas experiências sócio-culturais, explicitá-las, sistematizá-las, procurando levar o aluno à construção da temporalidade e à compreensão de que a própria temporalidade é uma construção histórica.

De tudo isso compreende-se que os critérios para avaliação são decorrentes da forma pela qual o ser humano apreende a realidade e de como age sobre ela.

Assim, entendemos que o critério de avaliação é o conteúdo no seu papel de mediador entre o sujeito que aprende a realidade. Não se trata, porém, de qualquer conteúdo, mas daqueles cuja relevância é fundamental para compreensão da prática social.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício. Pequena História da formação social Brasileira. Rio de Janeiro, Graal, 1981.
- ALENCAR, Francisco et alii, Brasil Vivo. Petrópolis, Vozes, 1988. 2 vols.
- ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil: 1984-1984. Petrópolis, Vozes, 1984.
- ANTUNES, Ricardo. Classe Operária, sindicalismo e partidos no Brasil. São Paulo, Cortez, 1982.
- APTHKER, Herbert. Uma nova história dos Estados Unidos: a era colonial. Rio de Janeiro, Forense, 1981.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de et alii. História das Sociedades-Das Comunidades Primitivas às Sociedades Medievais. Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1984.
- _____. História das Sociedades-Das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais. Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1984.
- BARRCS, Edgar Lins de. A Guerra Fria. Campinas, Atual, s.d.
- BEAUD, Michel. História do Capitalismo de 1500 aos nossos dias. São Paulo, Brasiliense, s.d.

- BURIZ, Héctor H. O Imperialismo. Campinas, Atual, 1986. (Col., Discutindo a História).
- _____. Acumulação Capitalista na América Latina. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- CAPELATO, Helena Maria. O movimento de 1932: a causa pauta. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Cole., Tudo é História).
- CARDOSO, Flamanion Ciro. O Trabalho na América Latina Colonial. São Paulo, Ática, 1985.
- _____. América Pré Colombiana. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col., Tudo é História).
- _____. A Afro-América: A escravidão no novo mundo. Brasiliense, 1982. (Col., Tudo é História).
- CHIAVENATTO, José Júlio. Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai. São Paulo. Brasiliense, 1983.
- CORREA, A.M. Martinez. A Revolução Mexicana: 1910-1917. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Col., Tudo é História).
- DECCA, E. de . O Silêncio dos Vencidos. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DIAS, E. História das Lutas sociais no Brasil. São Paulo, Alfa-Omega, 1977.

- DOUGHI, Túlio H. História da América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- FENELON, Ribeiro Dea. 50 Textos de História do Brasil. São Paulo, Hucitec, 1990.
- FERNANDES, Florestan. Nova República? Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- _____. Que Tipo de República? São Paulo, Brasiliense, 1986.
- REIS, Filho Aorão Daniel. URSS: O socialismo real. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Col., Tudo é História).
- GALEANO, Eduardo. As veias Abertas da América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- GOFF le Jacques et alii. A Nova História. Rio de Janeiro, Edições 70 |s.d. |.
- GONÇALVES, A. Marcos et alii. Cultura e Participação nos anos 60. São Paulo, Brasiliense, 1984. (Col., Tudo é História).
- HARDMAN, Francisco F. et alii. História da Indústria e do Trabalho no Brasil. São Paulo, Global, 1982.
- HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

- HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil Colonia: 1550 - 1800, São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col., Tudo é História).
- IANNI, Octávio. O colapso do populismo no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.
- _____. Classe e Nação. Petrópolis, Civilização Brasileira, 1986.
- JOBIN, Leopoldo. Reforma Agrária no Brasil Colônia. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Col., Tudo é História).
- BOITO, Ju. Armando. O Golpe de 1954: A Burguesia Contra Populismo. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col., Tudo é História).
- LAPA, Amaral Roberto José. A economia cafeeira. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Col. Tudo é História).
- LEON, Portella Miguel. A visão dos Vencidos. Porto Alegre, LEPM, 1985.
- LUNA, L. Resistência do Índio à dominação do Brasil. Rio de Janeiro, Leitura, 1965.
- MANZEGA, Ricardo. Juscelino Kubitschek. São Paulo, Brasiliense, 1981. (Col. Tudo é História).
- MARQUES, Adhemar et alii. Os caminhos do homem. (5ª, 6ª, 7ª e 8ª série), Belo Horizonte, Editora Lê, 1991.

- MONTEIRO, M. Hamilton. Brasil República. São Paulo, Ática, 1990. (Série Princípios).
- MOURA, Clóvis. Quilombos-Resistência ao escravismo. São Paulo, Ática, 1987. (Série Princípios).
- MUNAKATA, Kazumi. A legislação trabalhista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1984. (Col. Tudo é História).
- PRADO, Lígia Maria. A formação das nações Latino-americanas. Campinas Atual, 1986. (Col. Discutindo a História).
- _____. O populismo na América Latina. São Paulo, Brasiliense, (Col. Tudo é História).
- PORTILLA, Leon, Miguel. A conquista da América Latina vista pelos Índios: astecas, mais e incas. Petrópolis, vozes, 1984.
- QUEIROZ, Reis R. Suely. A abolição da escravidão. São Paulo, Brasiliense, 1987. (Col. Tudo é História).
- _____. Escravidão Negra no Brasil. São Paulo, Ática, 1987. (Série Princípios).
- ROSSI, Clóvis. A contra-revolução na América Latina. Campinas, Atual, 1986. (Col. Discutindo a História).
- TOLEDC, Navarro Caio. A questão indígena em sala de aula. São Paulo, Brasiliense, 1987.

-TRONCA, Ítalo. A revolução de 1930: A dominação oculta. (Col. Tudo é História).

-VAINEAS, Ronaldo. A economia e a sociedade na América Espanhola. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

-VENTURA, Zuenir. 1968: O ano que não terminou. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.

-VIEIRA, Araújo Pillar Maria. A pesquisa em História. São Paulo, Ática, 1989. (Série Princípios).